

A INTERPRETAÇÃO ADVENTISTA DE APOCALIPSE 13:10 FRENTE À NOVA ALMEIDA ATUALIZADA

MARCUS CLAY FRUTUOSO DE SOUZA¹

Resumo: Desde há muito tempo os adventistas do sétimo dia interpretam Apocalipse 13:10 como uma profecia sobre o papado, ou seja, o fim dos 1.260 anos da supremacia papal. As palavras dessa profecia são vistas como uma vingança ou punição da parte de Deus sobre o poder que por muitos anos afligiu e perseguiu o Seu povo. Essa ideia está presente também em estudos bíblicos do Brasil, nos quais Apocalipse 13:10 geralmente é apresentado como a profecia que predisse que esse fim realmente chegaria para o papado. Porém, em 2017 a Sociedade Bíblica do Brasil lançou a Nova Almeida Atualizada, uma tradução baseada na UBS5 (edição do Novo Testamento grego que usa o método eclético para classificar seus manuscritos), e nela há uma significativa mudança da leitura de Apocalipse 13:10, em que a ideia de vingança e punição foi substituída pela ideia de destino. Com uma tendência natural de popularização da nova versão, os adventistas do sétimo dia do Brasil terão um desafio a mais em sua interpretação historicista de uma vingança divina sobre o papado em 1798. Este artigo procura analisar a tradução do versículo e discutir quais implicações essa nova tradução traz sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia brasileira e sua interpretação e utilização de Apocalipse 13:10.

Palavras-chave: Crítica textual. Grego. Novo Testamento. Apocalipse.

¹ Mestre em Interpretação e Ensino da Bíblia (UNIAENE). Doutorando em Teologia Pastoral (UNASP-EC). Contato: marcusfrutuoso@gmail.com

THE ADVENTIST INTERPRETATION OF REVELATION 13:10 IN COMPARISON WITH THE NOVA ALMEIDA ATUALIZADA

Abstract: Seventh-day Adventists have long interpreted Revelation 13:10 as a prophecy about the papacy, that is, the end of 1,260 years of papal supremacy. The words of this prophecy are seen as God's revenge or punishment against the power that afflicted and persecuted His people for many years. This idea is also present in biblical studies in Brazil and, using the proof-text method, Revelation 13:10 is generally presented as the prophecy that predicted that this end would actually come for the papacy. However, in 2017 the Brazilian Bible Society released the New Updated Almeida (NAA), a translation based on the UBS5 (a version that uses the eclectic method to classify its manuscripts). In NAA, a significant change in the reading of Revelation 13:10 was introduced. One in which the idea of revenge and punishment was replaced by that of destiny. With a natural tendency to popularize the new version, Seventh-day Adventists in Brazil will have an additional challenge in their historicist interpretation of divine vengeance on the papacy in 1798. This article seeks to analyze the translation of the verse and see what implications this new translation brings to the Brazilian SDA Church and its interpretation and use of Revelation 13:10.

Keywords: Textual criticism. Greek. New Testament. Revelation.

1. Introdução

A questão das variantes no texto bíblico é algo tão presente que, para cuidar disso, existe uma ciência chamada *Crítica Textual* (CT). A CT atua para investigar inclusive o Novo Testamento (NT). Desde 1881 revisões são feitas nas Bíblias, justamente por causa dessa metodologia e por causa das constantes descobertas de novos manuscritos (mss). Nessas revisões, frases e palavras antes tidas como certas são agora substituídas por outras que se encontram em mss “melhores”, e, geralmente, mais antigos. Na maioria dos casos essas mudanças não afetam nenhuma doutrina vital do cristianismo. Em 2017, seguindo a tendência das revisões bíblicas que abandonam o chamado *Texto Recebido* (TR) pelo *Texto Crítico* (TC), a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) apresentou a *Nova Almeida Atualizada* (NAA), uma versão que tem como base a edição do Novo Testamento grego conhecido como UBS5, tornando-se assim, segundo os editores da NAA, uma “tradução do Novo Testamento que incorpora esses avanços na pesquisa relacionada com o texto original grego”.

Em Apocalipse 13:10 houve uma mudança que interessa bastante aos adventistas do sétimo dia. Na *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), o texto dizia assim: “Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada.” Essa tradução dá uma ideia de *punição* da parte de Deus sobre o perseguidor de Seu povo.

Desde muito tempo a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) interpreta Apocalipse 13:10 como uma predição sobre o papado, que se cumpriu por ocasião da prisão e morte do papa Pio VI pelo general Berthier em 1798. Usando a *King James Version* (KJV), Ellen G. White também aplica as duas linhas da poesia preditiva de Apocalipse 13:10 de forma punitiva, o que pode ser bem visualizado na seguinte citação:

“Foi-lhe dada autoridade para agir quarenta e dois meses” – os três anos e meio, ou 1.260 dias de Daniel 7 – durante os quais o poder papal deveria oprimir o povo de Deus. Esse período, conforme declarado em capítulos anteriores, começou com a supremacia

papal em 538, e terminou em 1798. Nesta oportunidade o poder papal receberia a “chaga mortal”, e *cumpriu-se a predição*: “Se alguém leva para cativo, para cativo vai” (WHITE, 1888, p. 439, grifo nosso).

Na NAA, a SBB mudou o texto para “Se alguém tiver de ir para o cativo, para o cativo irá. Se alguém tiver de ser morto pela espada, pela espada morto será”, ou seja, mudou o texto de uma postura *punitiva* para uma de *destino*.

O que este artigo se propõe a fazer é (1) analisar Apocalipse 13:10 à luz da CT; (2) verificar se aceitar essa variante afeta a interpretação adventista do texto; e (3) indicar uma possível resposta da IASD do Brasil, uma vez que a NAA é a tradução geralmente escolhida para uso na literatura denominacional e, como será mostrado aqui, a ideia de uma *punição* foi retirada dela.

2. Crítica Textual de Apocalipse 13:10 segundo o Método Eclético

O método eclético é basicamente dividido em evidências externas (análise de mss) e evidências internas (análise do estilo do texto e sua procedência autoral). Sobre o método, Paroschi (2012, p. 179) diz:

Dentre as muitas atividades das quais se ocupa a crítica textual, a mais importante é a avaliação das leituras variantes – reveladas mediante a minuciosa colação dos manuscritos – e a escolha daquela que mais provavelmente represente a forma original do texto. O processo envolve a aplicação de dois diferentes critérios, a evidência externa e a evidência interna, cada qual contendo uma série de princípios textuais, também chamados de cânones.

42

Pela limitação de espaço, serão ponderadas apenas duas variantes do aparato crítico da UBS5, que foi o texto-base escolhido para a confecção da NAA. Analisar essas evidências será o primeiro passo na compreensão desse dilema.

2.1. Evidência Externa

A evidência externa consiste em analisar os mss e determinar, especialmente pelo critério de datas e genealogias, qual leitura (e não manuscrito) explica melhor o surgimento das outras variantes (Wallace, 2016).

2.1.1. Apocalipse 13:10a: “Quem leva para cativo, para cativo vai”

A principal variante que dá a ideia de *destino* é “εἰς αἰχμαλωσίαν, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει”. Ela é encontrada nos mss A (Códice Alexandrino, 5º século, possui o tipo-texto alexandrino no Apocalipse), vg^{ww} (Vulgata Wordsworth-White, do 4º século, de tipo-texto alexandrino), e vgst (Vulgata de Stuttgart, do 4º século, de tipo-texto alexandrino). Esses manuscritos testemunham da antiguidade da ideia de *destino*.

Como exemplo dessa variante, aqui está a transliteração e a tradução do Códice A (CSNTM, 2022a):

Quadro 1: Transliteração e tradução do Códice A

Transliteração do Códice A	Em grego minúsculo	Tradução do Códice A
EITISEIS AICMALWSIANEISAICMALWSIAN UPAGEI	εἷ τις εἰς αἰχμαλωσίαν, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει	Se alguém para cativoiro, para cativoiro vai

Fonte: O autor.

Já a ideia de *punição* ou *vingança* é encontrada na variante “εἰς αἰχμαλωσίαν ἀπάγει, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει”, presente no mss 051txt (um manuscrito que data do século 10, de tipo-texto bizantino). Tanto esse quanto outros manuscritos que aparecem no aparato da UBS5, que dão essa ideia de vingança, ou são tardios como o 104 (ano 1087), ou são versões, como cop^{sa} (2^o/4^o séc.), ou ainda pais eclesiásticos, como Primásio (552 d.C.). Há outros ainda que não aparecem no aparato da UBS, como o 459 (ano 1092), o 2019 (séc. 13) (La Parola, 2022). Na opinião de Lenski (1935, p. 401), “a leitura foi atrapalhada por esforços interpretativos que nos oferecem apenas o que o copista pensou, e não o que João escreveu”. É provavelmente por esse motivo que os editores da UBS5 preferiram a leitura com a ideia de *destino*, porém vale lembrar que eles deram classificação {B}, o que indica que o texto é quase certo; mesmo assim, ainda influenciou a tradução da NAA.

Omanson (2010, p. 559) descreve bem o problema e a motivação por trás da escolha feita pelo texto que descreve *destino* e não *punição*:

A leitura que melhor explica o surgimento das outras é a que aparece como texto, ou seja, εἰς αἰχμαλωσίαν, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει. A ausência de um desses εἰς αἰχμαλωσίαν numa grande variedade de testemunhas parece ser resultado de um acidente de cópia. O fato de a primeira locução não ter um verbo levou vários copistas a tentar melhorar o texto inserindo um verbo apropriado, seja ἀπάγει (vai), seja συνάγει (reúne), seja alterando a construção para αἰχμαλωτίζει (leva cativo). A leitura ἔχει αἰχμαλωσίαν ὑπάγει, que quase não pode ser traduzida, deve ser vista como um erro de copista (que escreveu ἔχει [tem] em lugar de εἰς [para]).

Assim sendo, a ideia de *destino* “deve ser preferida” (Foster, 1989, p. 194) à ideia de *vingança*, ou seja, quem vai para cativoiro são aqueles que estão *destinados* a ir para o cativoiro.

2.1.2. Apocalipse 13:10b: “Se alguém matar à espada, é necessário que seja morto à espada”

No aparato crítico da UBS5, as variantes de Apocalipse 13:10b são ainda mais difíceis de traduzir: “ἀποκτανθῆναι αὐτόν” (ser morto); “ἀποκτενεῖ” (morrerá); “ἀποκτενεῖ (ἀποκτέννει, ἀποκτένει), δεῖ αὐτόν (morrerá, é necessário); “ἀποκτενεῖ, δεῖ αὐτόν” (morrerá, é necessário); “δεῖ αὐτόν ἀποκτανθῆναι” (é necessário que seja morto). Como diz Aune (1998, p. 750) “este dístico é um grego impossível, e uma variedade de variantes textuais surgiram nas tentativas dos escribas de dar sentido a essas cláusulas”. Porém, a análise da evidência externa aponta para o mesmo caminho da primeira linha: que a ideia de *destino* tem mss mais antigos e genealogias mais sólidas (ou seja, com maior número de cópias), especialmente as cópias alexandrinas.

Um dos manuscritos que possuem essa leitura é o Códice x (Códice Sinaítico, 4^o séc. d.C., tipo-texto alexandrino), um dos mais importantes mss existentes. Ele é a cópia mais antiga do NT completo (Parker, 2012). O Códice x (CSNTM, 2022b) apresenta Apocalipse 13:10b da seguinte maneira:

Quadro 2: Transliteração e tradução do Códice κ

Transliteração do Códice κ	Em grego minúsculo	Tradução do Códice κ
EITISENMACAI RAAPOKTEINEIΔEI AUTONENMACAIRA APOKTANQHNAI	εἴ τις ἐν μαχαί- ρα ἀποκτείνει δεῖ αὐτὸν ἐν μαχαίρα ἀποκτανθῆναι.	Se alguém pela espa- da [deve] ser morto, ele pela espada [deverá] ser morto.

Fonte: O autor.

Como visto acima, a ideia de *destino* também está presente no Códice a. A conclusão de Omanson parece mais uma vez traduzir esse complexo quebra-cabeças de variantes. Sobre Apocalipse 13:10b, ele diz:

Aqui há uma pluralidade de variantes e nenhuma delas é totalmente satisfatória. A melhor delas parece ser ἀποκτανθῆναι αὐτόν, encontrada no Códice Alexandrino (A). A exemplo das primeiras duas linhas deste versículo, a terceira e quarta linhas ensinam o cumprimento da vontade de Deus. O texto grego parece uma tradução literal de uma típica expressão idiomática hebraica: “se alguém tiver de ser morto pela espada, será morto pela espada”. A leitura que aparece no texto de *O Novo Testamento Grego* foi traduzida na NTLH [e agora na NAA]: “quem tem de ser morto pela espada será morto pela espada”.

No grego, a formulação é difícil de entender e traduzir. Por isso, influenciados, talvez, por afirmações como a de Mt 26:52 (πάντες γὰρ οἱ λαβόντες μάχαιραν ἐν μαχαίρῃ ἀπολοῦνται [pois todos que pegam na espada pela espada perecerão]), copistas fizeram diferentes alterações e introduziram a ideia de retribuição (os perseguidores serão castigados pela rígida aplicação da *lex talionis*, ou seja, a lei do talião). A tradução de ARA (bem como de NRSV e de outras traduções) se baseia numa variante textual: “se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada”. Mas esta noção é contrária à leitura do Códice A, em que, em todo o versículo, os próprios cristãos é que são o sujeito da oração (Omanson, 2010, p. 559-560).

A evidência externa parece favorecer a ideia de *destino* tanto na frase que fala sobre cativo quanto na que fala sobre espada. Swete (1906, p. 165) confirma essa ideia dizendo que “o todo é uma advertência contra qualquer tentativa por parte da igreja de resistir a seus perseguidores”. Apesar de a ideia de *vingança* estar presente em alguns manuscritos, elas carecem de melhores manuscritos e datas mais antigas.

2.2. Evidências Internas

É importante lembrar que “as evidências internas são coletadas do próprio texto (por exemplo, o contexto literário; hábitos dos escribas, como convenções gramaticais ou ortográficas específicas que o autor usa; e formas literárias, como paralelismo ou quiasmo)” (Wegner, 2006, p. 238).

No caso de Apocalipse 13:10, a evidência interna deve se concentrar no uso que João faz do AT, nesse caso, possivelmente uma mistura de Jeremias 15:2 com Jeremias 43:11.

2.2.1. Uso do Antigo Testamento no Apocalipse

Entender o uso que o NT faz do AT é uma ciência interessante que vale a pena ser discutida. Paulien (2009, p. 28-29) fala a respeito de quatro possíveis usos do AT nos livros do NT: citação direta, citação indireta, alusão e eco. Ele classifica as *citações* como algo próximo da

tradução literal de uma passagem; *alusão* como o uso de várias palavras ou expressões e um *eco* como o uso de um tema ou de alguns termos de uma passagem. O autor pode usar um eco de forma consciente ou não.

O uso do AT no Apocalipse deve ser avaliado através de seus paralelos verbais, temáticos e estruturais, e a partir dessa avaliação classificar o texto. Na versão apresentada no TC, temos uma *alusão* (Aune, 1998, p. 749; Osborne, 2014, p. 566) a Jeremias 15:2 e 43:11, com as seguintes características: (1) João não usa apenas palavras soltas do texto original, mas escolheu duas das quatro frases de Jeremias; (2) ela é próxima da tradução do texto hebraico; e (3) tanto suas estruturas verbais (ir para o cativo, ser morto à espada) quanto temáticas (perseguição e morte) e estruturais (poema) são semelhantes às de Jeremias 15:2 e 43:11. É claro que deve-se assumir que essa alusão está reciclada para novos propósitos, afinal, ela é usada do mesmo modo que as outras 27 alusões que João faz a Jeremias em Apocalipse (ver Jackson, 2015).

Jeremias 15:2 é a continuação da resposta à terceira petição de Jeremias (14:19-22), em que Deus está afirmando categoricamente que a sentença do povo já está determinada (15:1-4), o que Harrison (2011, p. 81) chama de povo “pré-condenado”. Nessa passagem, Deus ordena ao profeta que leve uma mensagem “anti-êxodo”, ou seja, Moisés levou a mensagem de libertação do cativo, mas Jeremias deveria levar uma mensagem inversa. Jeremias apresenta um quadro bastante distinto daquele apresentado por João no Apocalipse.

O quadro 3 compara o texto de Jeremias (ARA) com Apocalipse na ARA e NAA; ele mostra que é bem mais fácil conciliar o TC (NAA) com o texto aludido (Jr 15:2). Assim, a conclusão a que se pode chegar através da análise de Jeremias e seu contexto é que João faz essa alusão com motivos diferentes do uso feito por Jeremias; neste caso, é o contexto de Apocalipse e não a de Jeremias que deve determinar a interpretação. João apenas usa as palavras de Jeremias.

Quadro 3: Comparação de Jeremias 15:2 e Apocalipse 13:10ab

Jeremias 15:2 (ARA)	Apocalipse 13:10ab (ARA)	Apocalipse 13:10ab (NAA)
[...] O que é para a morte, para a morte; o que é para a espada, para a espada; o que é para a fome, para a fome; e o que é para o cativo, para o cativo.	Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. [...]	Se alguém tiver de ir para o cativo, para o cativo irá. Se alguém tiver de ser morto pela espada, pela espada morto será. [...]

Fonte: O autor.

Finalmente, vale lembrar que ainda no versículo 10, a frase “aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos” pode ser uma conclusão formal para as duas declarações anteriores, reforçando a ideia de *destino*, em que o objeto das duas ações é o povo de Deus, e não o poder perseguidor. Talvez “a intenção profética não busque tanto condenar [a Igreja Católica], mas elucidar os meandros da história, a fim de que possamos saber que detrás deles, a providência divina está trabalhando para fortalecer a fé e sustentar a esperança” (Doukhan, 2011, p. 125).

3. Ellen G. White, a King James Version e Apocalipse 13:10

Apocalipse 13:10 apareceu em pelo menos três textos de Ellen G. White publicados durante sua vida; são eles: primeiramente em O Grande Conflito, edição de 1888:

Os quarenta e dois meses são os mesmos que “tempo, tempos e metade de tempo”, três anos e meio ou 1.260 dias de Daniel 7 – o tempo durante o qual o poder papal oprimiu o povo de Deus. Esse período, como declarado em capítulos anteriores, começou com o

estabelecimento do papado, no ano de 538 d.C., e terminou em 1798. Neste tempo, quando o papado foi abolido e o papa foi feito cativo pelo exército francês, o poder papal recebeu sua ferida mortal, e a predição foi cumprida: [cita Apocalipse 13:10].

Depois no volume 19 de *Manuscripts Releases*, manuscrito nº 1389, que data de 20 de agosto de 1897, com as seguintes palavras: “[Cita Apocalipse 13:10] Este capítulo inteiro é uma revelação do que certamente tomará lugar [logo após fala sobre a questão da mudança do sábado para o domingo].” Depois, o texto apareceu novamente em *O Grande Conflito*, revisado em 1911, porém sem alterações neste particular.

A história da *King James Version* (KJV) começa com Erasmo de Roterdã (c. 1466-1536), que editou o primeiro Novo Testamento grego que veio a público. Esse NT foi publicado em 1516, porém continha muitos erros de impressão e os manuscritos usados não eram dignos de confiança. Outras edições apareceram, todas baseadas no texto bizantino. Esse NT de Erasmo foi a base para o que posteriormente seria conhecido como o TR.

Depois veio Robertus Sthefanus, que em sua terceira edição do NT (1550), publicou o primeiro aparato crítico, com menos de 15 manuscritos. Teodoro de Beza (1519-1605) popularizou o TR e os tradutores da KJV usaram essa versão em seu trabalho de tradução. Porém, foi Boaventura e Abraão Elzevir que produziram o TR. Abaixo vê-se a transliteração e a tradução do códice de Beza (CSNTM, 2013), que serviu de base para a KJV:

Quadro 4: Transliteração e tradução de Apocalipse 13:10ab do Códice de Beza

Transliteração do Manuscrito de Beza	Tradução do Manuscrito de Beza
Εἴ τις αἰχμαλωσίαν συνάγει, εἰς αἰχμαλωσίαν ὑπάγει· εἴ τις ἐν μαχαίρᾳ ἀποκτενεῖ, δεῖ αὐτὸν ἐν μαχαίρᾳ ἀποκτανθῆναι.	Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém à espada matar, ele à espada será morto.

Fonte: O autor.

A KJV foi popularizada na Inglaterra e amplamente usada. A Bíblia era acessível ao povo comum como nunca antes. Um amor às Escrituras que nunca existira antes passou a existir com a KJV, apesar de ter se baseado em manuscritos relativamente recentes; mas isso não permaneceria por muito tempo. Com o fim da era da Reforma, a Bíblia passou por um período de crítica e revisão. Esse período (1648 até os dias atuais) pode ser subdividido em três (Geisler; Nix, 1986, p. 453-461):

Período da preparação (1648-1831). Nele foram classificados os textos bíblicos e impressos várias edições do NT com aparatos críticos. Um bom exemplo foi o NT de John Mill (1645-1707), publicado em 1707; ele continha o mesmo texto de Stephanus de 1550, porém acrescentou cerca de 30 mil variantes, e tanto o Códice Alexandrino quanto o Vaticano tomaram forças por essa época.

O período do progresso (1831-1881) é aquele em que surgiu uma crítica mais construtiva ao texto bíblico; foi marcado pela produção de materiais de crítica textual, porém ao mesmo tempo foi o período em que o TR foi mais duramente criticado. Neste assunto, os principais nomes desta época são o de Tischendorf (1815-1874), que procurou, descobriu e publicou manuscritos e textos bíblicos; Samuel Prideaux Tregelles (1813-1875), que serviu de instrumento para afastar a Inglaterra do TR; e Henry Alford (1810-1871), que escreveu vários comentários e deitou por terra a reverência ao TR.

Período da purificação (1881). Caracteriza-se principalmente pelo destronamento do TR, de que procede a KJV. Foi em 1881 que dois estudiosos de Cambridge, Brooke Foss Westcott (1825-1901) e Fenton John Anthony Hort (1828-1892) lançam o seu *The New Testament in the original Greek*, uma versão que deu origem à *English Revised New Testament*, em 1881. Logo os

defensores do TR/KJV se levantaram contra essa nova versão, que rapidamente ganhou popularidade.

É neste contexto de discussão sobre o texto bíblico que está inserido (1) o início do movimento adventista, com suas próprias questões a serem resolvidas, bem como (2) o lançamento do livro *O Grande Conflito*, em 1888. Nessa época, a *Review and Herald* falou algumas vezes sobre o assunto (White, 2022), mas em nenhum momento rechaçou ou condenou as revisões feitas na época, pelo contrário, alguns dos artigos tinham reações positivas a essas revisões. White parece também ter se manifestado, mas indiretamente. Parece fazer mais sentido observar os conselhos dela contra a crítica ao texto bíblico sob essa ótica.

Escrita em 1888, por exemplo, a seção “A inspiração da Palavra de Deus” do primeiro capítulo de *Mensagens Escolhidas*, v. 1 (White, 1985, p. 15, grifo nosso), dá indícios de que White estava, de alguma forma, ciente das discussões sobre o assunto, por exemplo: “Homem algum pode *aperfeiçoar a Bíblia* sugerindo o que o Senhor queria dizer ou devia ter dito.” Outro texto diz: “Alguns nos olham seriamente e dizem: ‘Não acha que deve ter havido algum erro nos *copistas* ou da parte dos tradutores?’” Nessa frase, ela menciona diretamente a palavra “copista”, dando a entender que estava ciente das recentes descobertas. Ainda: “Quando homens, em seu juízo finito, julgam necessário *fazer um exame de textos para definir o que é inspirado e o que o não é*, estão dando um passo adiante de Jesus a fim de mostrar-Lhe um caminho melhor do que aquele em que Ele nos tem guiado” (White, 1985, p. 16, grifo nosso). Nessa última citação ela fala sobre “fazer um exame de textos”, o que parece refletir o método crítico. Ainda no mesmo livro e capítulo há uma seção intitulada “Objeções à Bíblia” (White, 1985) datado de 1886, que parece tratar do mesmo assunto. Em *Testemunhos para a Igreja*, v. 5 (White, 2007, p. 698), o capítulo 84 tem como título “Os mistérios da Bíblia: prova de sua inspiração”, datado de 1889.

Apesar de esses textos apontarem para isso, White nunca tratou diretamente o assunto das versões bíblicas em seus escritos (White, 2022). Na verdade, “Ellen White empregou oito textos da *English Revised Version*, 55 da *American Revised Version*, dois da tradução de *Leeser*, e quatro de *Noyes*, além de sete variantes marginais” (Centro White, 2023).

Mais tarde, em 1919, na Conferência Bíblica (GC, 2013), foi tocado o assunto de Ellen G. White e o uso que ela fez de versões da Bíblia. A. G. Daniells disse para W. G. Wirth que “a irmã White não tinha intenção alguma de determinar a exatidão de uma tradução. [...] Ela usava qualquer versão que a ajudasse a comunicar seu pensamento com maior clareza” (General Conference, 1919, p. 19). Portanto, acompanhando esse raciocínio de Daniells, pode-se concluir que White não estava fazendo uma exegese de Apocalipse 13:10, mas usando o texto que tinha em mãos para comunicar a ideia de que Deus retribuiria à besta/papado o mal que fizera ao povo de Deus durante o período dos 1.260 dias/anos.

Dois textos são especialmente significativos nessa questão:

Antes que a Versão Revisada fosse publicada, vazaram do comitê declarações sobre as mudanças que eles pretendiam fazer. Algumas delas eu trouxe à atenção de mamãe, e ela me deu informações muito surpreendentes sobre essas Escrituras. Isso me levou a acreditar que a revisão, quando viesse à mão, seria de grande valia para nós (White, 2022).

É significativo que quase imediatamente após o aparecimento a [*Revised English Version*], a Sra. White fez uso dela em seus livros, como ela também fez da *American Standard Revision* quando ela se tornou disponível em 1901. Também é significativo que quatro declarações principais da pena da Sra. White sobre a Bíblia e [sobre] os escritores da Bíblia foram escritos durante esta década do aparecimento das versões revisadas do Novo e do Antigo Testamento (White, 2022).

Ambas as citações mostram a maneira como White lidou com os assuntos de revisões da Bíblia. Ela as usou conforme necessário, não entrando em embates textuais para provar seu ponto de vista, e fez uso daquilo que tinha em mãos.

4. Duas Interpretações Distintas de Apocalipse 13:10

Nesta seção será analisado como autores evangélicos e autores adventistas têm interpretado Apocalipse 13:10ab.

4.1. Interpretações de Autores Evangélicos

Os autores evangélicos mais proeminentes em Apocalipse geralmente apoiam o TC e a ideia de *destino*. Aune (1998), Beale (1999), Mounce (1997) e Osborne (2014), por exemplo, são defensores dessa interpretação. Metzger (1994), influente linguista do século 20, também prefere seguir o Códice A, deixando assim em paralelo a primeira sentença com a segunda, mais fácil de traduzir e em que o perseguidor é o agente ativo e o povo de Deus é aquele que sofre a ação, neste caso, sendo morto pela espada do perseguidor.

A principal diferença apresentada em Apocalipse 13:10ab no TR são acréscimos para tentar tornar a frase mais inteligível e harmônica, a adição de verbos junto com “para cativo” para melhorar a leitura, facilitando a compreensão do sentido da frase. Os acréscimos são diferenças em manuscritos posteriores; um bom exemplo disso é que o NT de Beza apresenta o livro de Atos 10% maior que outros manuscritos. Além disso, é importante lembrar que João apresenta um “grego rústico”, e a leitura difícil de Apocalipse 13:10ab pode ser devido a esse fato.

Uma questão notável de variação entre o TC e o TR, levantada por esses autores evangélicos, é a questão do sujeito da oração, já que no Códice Alexandrino não há espaço para a ideia de *vingança* no 10a. Levando isso em consideração, os autores preferem aceitar que, apesar da dificuldade de traduzir o v. 10b, o melhor caminho é traduzi-lo no mesmo sentido do v. 10a, uma vez que o próprio contexto (tanto no TC quanto no TR) apoia essa tradução. Como já mencionado, Omanson (2010) diz que a “ausência de um desses εἰς αἰχμαλωσίαν numa grande variedade de testemunhos parece ser resultados de cópia”, que esta ausência se dá por um erro de visão do copista. Prigent (1993, pp. 243-244) oferece três “sinais de qualidade” para que o texto do Códice A seja aceito em vez dos outros:

1. Ela é a única forma textual representada inteiramente por um bom manuscrito antigo. Todas as demais traduções supõem uma reconstrução textual com o auxílio de várias testemunhas diferentes.
2. Oferece um excelente paralelismo entre as suas duas preposições, seguindo nisto o modelo oferecido por Jeremias.
3. Dá um sentido não somente aceitável, mas que também se harmoniza com a conclusão tirada pelo final do versículo.

Um ponto criticado na ideia de *destino* é o fato de a perseguição ser dada a quem está sendo fiel, porém muitos textos dos profetas maiores, como Ezequiel 14:12-23, afirmam que o remanescente fiel sofreria a penalidade do cativo. Em 2Timóteo 3:12 encontram-se as seguintes palavras: “Ora todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.” Robertson (1933) declara que “aparentemente, João apresenta isto como advertência aos cristãos para que não resistam a força com força, mas que aceitem o cativo

como Ele o havia feito como um meio de graça”; além disso, os cristãos estavam acostumados desde cedo com perseguição e martírio, e viam isso como um privilégio. Kistemaker (2004, p. 489) apoia a posição de *destino*: “Os sujeitos em ambas as linhas são os cristãos que sofrem perda da liberdade e perda de vida. [...] As linhas não são dirigidas aos capangas de Satanás que enfrentam a retribuição divina.”

Schick (1980) resume em poucas palavras toda a problemática envolvida no texto a partir da interpretação no sentido de *destino*:

O desafio do v. 10. formulado de maneira muito sucinta, à maneira de uma ordem, foi, como mostra uma variante muito antiga, mal compreendido pelos copistas e reinterpretado e completado na seguinte formulação: ‘quem leva à prisão, irá para a prisão; quem mata à espada, deve ser morto à espada’. Assim o apelo que exige tudo de cada um transforma-se numa palavra de consolo para os perseguidos. Que a versão original do texto não seja esta, deduz-se de seus dois pontos de referência (Jr 15:2; 43:11) no AT, bem como do contexto geral, especialmente da exortação à perseverança que se segue imediatamente.

Assim, segundo os autores evangélicos em geral, seguir Jeremias 15:2 e 43:11 parece ser o mais coerente a ser feito, aceitando que o povo de Deus é o sujeito passivo, sendo levado para cativo. Além disso, eles não aceitam os acréscimos ἀπάγει ou συνάγει, que mudam o foco de Deus para os perseguidores (“se alguém leva [os santos] para o cativo”). Como disse Omanson (2010), nenhuma dessas variantes são completamente satisfatórias, apesar de concordar que esse trecho no Códice A parece ser a melhor leitura entre todas as variantes.

4.2. Interpretações de Autores Adventistas

A segunda possibilidade de tradução é ambos os dísticos de retribuições à besta/poder perseguidor que se apresenta nos v. 1-8. Isso quer dizer que “cativo” e “espada” são castigos dados por Deus contra quem se levanta em perseguição contra Seu povo. Nesta tradução, o sujeito ativo é Deus, e a besta é aquela que sofre a ação dos verbos. As declarações (v. 10ab) são vistas como uma espécie de consolo para o povo de Deus, pois nelas está a certeza de que Ele não abandona Seu povo. Neste caso, em vez de Apocalipse 13:10 evocar Jeremias 15:2 e 43:11, evoca Mateus 26:52, que parece ser a maior influência para essa tradução de retribuição: “Todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.”

Autores adventistas em geral têm preferido essa tradução tendo em vista sua interpretação de Apocalipse 13. Em um dos primeiros livros que se destinaram a comentar o Apocalipse, Uriah Smith (1897), fazendo uso da interpretação historicista adotada desde o princípio da denominação, declara: “O versículo 10 nos faz voltar aos eventos de 1798, quando esse próprio poder, que durante os 1.260 anos manteve os santos de Deus em cativo, foi levado em cativo.” Essa declaração refere-se à prisão e morte do papa Pio VI, quando em 1798 foi levado pelo general Berthier à França e morreu um ano depois, em plena Revolução Francesa. Esse evento trouxe, segundo tal interpretação, a ferida mortal sobre o papado, que é o cumprimento da primeira besta de Apocalipse 13. Mais tarde, Haskell (1908, p. 232) disse o mesmo em seu livro sobre o Apocalipse.

Já em anos posteriores, o *Comentário Bíblico Adventista* (NICHOL, 1980, v. 7, p. 819), publicado pela primeira vez em 1957, também apoiava essa mesma ideia; porém, ele denomina tal interpretação de “cumprimento parcial”. Ele chama a atenção para o fato de a evidência textual favorecer a omissão da palavra “levado”: “Sem ela a frase poderia ser traduzida: ‘Se um homem está destinado para [ou ‘a entrar em’] cativo. [...]’ A ideia pode ser considerada como

similar a que é expressada em Jeremias 15:2 [...]” Vê-se aqui um *reconhecimento* da possibilidade de uma interpretação além, ou seja, a ideia de destino.

Em tempos mais modernos, autores como William H. Shea e Hans K. LaHondelle compartilham da mesma ideia de retribuição em ambas as declarações. Shea (2021, p. 413) aponta para a estrutura do capítulo dividindo a seção (Ap 13:1-10) em duas partes, e cada uma delas fala sobre a ferida da besta por espada, são elas os v. 1-4 e v. 5-10. Em cada uma dessas passagens há uma alusão à ferida mortal por espada recebida pela besta; assim, ele entende que a espada do v. 10 é a mesma do v. 14, que causou a ferida do v. 3. LaRondelle (1999) também considera o “cativeiro” e a “espada” como a explicação da ferida mortal de Apocalipse 13:3. Ele baseia seu argumento principalmente no fato de que “espada” no Apocalipse é símbolo do juízo divino (1:16; 2:12, 16; 19:15, 21).

Além desses autores citados acima, outros autores podem ser citados, todos seguindo a mesma interpretação. Anderson (1990, p. 155) diz que a profecia (dos 1.260 dias) se cumpriu com “notável precisão” e de “modo cabal”. Maxwell (2008, p. 334) talvez seja o autor adventista que mais explora a história geral para embasar seus argumentos a respeito da besta como sendo o poder católico romano da Idade Média. Em seu livro, ele apenas usa as expressões “ir para cativeiro” e ser “morto à espada” para associar com os v. 14 e 3 e identificar a besta. Doukhan (2011, p. 123) também vê a Igreja Católica como a besta de Apocalipse 13:1-10, e, consequentemente, o objeto do cativeiro e da espada é o povo de Deus. Feyerabend (2005, p. 114) diz: “Quando o papa foi levado prisioneiro por Berthier, estas palavras foram cumpridas. O papado tinha levado tantos outros cativos, e agora ele mesmo estava indo para o cativeiro.” Uma boa visão dessa interpretação pode ser vista nas seguintes palavras:

A vitória nesta guerra, ainda que momentaneamente, pertence à besta e é permitido a ela vencer os santos, e os leva para cativeiro; “o que leva para cativeiro em cativeiro, vai em cativeiro; e se alguém mata à espada, à espada deve ser morto”. A besta é derrotada e a fé e a paciência dos santos permanecem triunfantes (VELOSO, 1999, p. 169).

Em se tratando de estudos bíblicos, pelo menos três materiais apresentam a mesma ideia de *vingança* em que a besta é o objeto do cativeiro e da espada. O livro *Estudos Bíblicos* (2006, p. 104) declara: “Que se diz do cativeiro e queda do papado?” Então a resposta logo abaixo é a citação de Apocalipse 13:10. Já Belvedere (2006, p. 103) prefere colocar uma nota explicativa descrevendo os eventos de 1798 e citando Apocalipse 13:10, mostra como os eventos se cumpriram. Ele chega a dizer que “a ferida foi tão profunda que parecia que o papado não se recuperaria mais dela”.

Em tempos mais modernos, estudos sobre o Apocalipse distribuídos pela TV Novo Tempo trazem a mesma interpretação, de que a espada que fere é a espada de Deus sobre a besta e que esta ferida é a ferida mortal dos v. 14 e 3. Logo depois então são apresentados os detalhes históricos:

Esta ferida mortal representa exatamente a prisão do papa Pio VI por ordem de Napoleão Bonaparte. A partir desta data, 15 de fevereiro de 1798, o papa não deveria mais exercer qualquer função. Despojado de seu poder, tanto civil como eclesiástico, Pio VI morreu no exílio, em Valença, na França, no dia 29 de agosto de 1799. Cumpriram-se então as palavras proféticas: “Se alguém leva para cativeiro, para cativeiro vai” (Ap 13:10) (NOVO TEMPO, s/d, p. 45).

Uma exceção é Ranko Stefanovic. Para ele, “a primeira declaração enfatiza o *destino do povo de Deus*. [...] a segunda declaração enfatiza o *destino dos perseguidores do povo de Deus*” (STEFANOVIC, 2009, p. 417). Assim, ele aceita um misto de interpretações.

Pelo que foi visto até aqui, essa é uma interpretação muito defendida pelos adventistas. Como, então, usar Apocalipse 13:10 na NAA para defender o ponto de vista de *vingança* se agora a tradução traz uma mensagem em que, quem vai para o cativo e quem vai morrer à espada é o próprio povo de Deus?

5. Qual postura tomar em relação à NAA?

Explicar problemas de tradução não é uma tarefa recente. Pelo visto, sempre acompanhará a igreja, e é assim que esse texto deve ser primeiramente apresentado (caso seja necessário), como um texto com duas possibilidades de tradução. Deve-se considerar o significado da nota {B}, dada pelos editores da UBS5; ou seja, que apesar de o peso da evidência apontar para uma tradução no sentido de *destino*, ela não é de todo conclusiva, e há outros manuscritos; e que apesar de tardios, apoiam a ideia de *vingança*. Isso deve ser apresentado de forma honesta e clara, mostrando o peso da evidência.

Outra possibilidade, essa bem menos apreciada pelo meio acadêmico, mas muito divulgada especialmente em sites que fazem defesas apaixonadas do TR, é rejeitar de vez o método eclético e considerar a ideia de *vingança* como a correta. Essa rejeição é compartilhada por diversos autores modernos, cuja premissa básica é de que o texto que chegou até nós foi preservado sem nenhum erro de copistas.

Também deve ser considerado como digna de exemplo a atitude de Ellen G. White. Pelo que já foi exposto aqui, ela sabia das questões envolvidas nas novas versões bíblicas e mesmo assim usou-as em diferentes momentos. Assim, mesmo que a NAA não traga mais aquilo que anteriormente favorecia a posição adventista a respeito de determinado ponto, ela não deve ser descartada, e o ponto problemático em questão deve ser tratado isoladamente. A postura de White parece ser a mais equilibrada. Ela sempre confiou que Deus não deixaria Seu povo às cegas com relação à Sua Palavra, e que a Bíblia deve ser vista tal como ela é: um livro espiritual:

Vi que Deus tinha guardado especialmente a Bíblia; no entanto, quando as cópias dela eram poucas, os homens instruídos tinham em alguns casos mudado as palavras, pensando que estavam tornando-a mais clara, quando na realidade estavam mistificando o que era simples, fazendo com que ela se inclinasse para seus pontos de vista estabelecidos, que eram governados pela tradição. Mas vi que a Palavra de Deus, como um todo, é uma corrente perfeita, uma porção ligando-se e explicando outra. Os verdadeiros buscadores da verdade não precisam errar; pois não apenas a Palavra de Deus é clara e simples ao declarar o caminho da vida, mas o Espírito Santo é dado como um guia para entender o caminho da vida nela revelado (White, 1882, p. 220-221).

Como sempre, White apresenta uma postura respeitosa em relação às Escrituras, sabendo lidar com situações difíceis. Não seria essa a mesma postura que os membros da IASD brasileira deveria tomar frente à falta do texto que anteriormente usavam para provar seu ponto de vista?

Por último, é importante reforçar que, mesmo sem Apocalipse 13:10, a mensagem continua sendo verdadeira, pois a interpretação do período de 1.260 dias/anos está baseada em outros textos bíblicos (cf. Dn 7:25; 12:7; Ap 12:6 e 14), e a ferida mortal é descrita em Apocalipse 13:3, 14. Vale lembrar que Apocalipse 13:10 apenas reforça aquilo já descrito em outros versículos; além disso, o evento histórico já aconteceu, dando assim força ao argumento do fim do poderio católico que durou 1.260 anos. Talvez com a popularização da NAA a IASD brasileira tenha que fazer um esforço a mais para explicar suas conclusões sobre o

acontecimento de 1798; ou seja, explicar os 1.260 dias não será impossível de fazer pela falta de Apocalipse 13:10 tal como aparecia na ARA.

6. Considerações Finais

A NAA alterou significativamente a tradução de Apocalipse 13:10ab, saindo de uma ideia de *vingança* para uma ideia de *destino*. Essa mudança, porém, apesar de ser uma perda para a IASD brasileira, não diminui em nada a argumentação do fim do poderio do papado por 1.260 anos, começados em 538 d.C. e terminados em 1798, pois a interpretação se baseia em outras profecias. Cabe, por fim, à IASD brasileira saber explicar que essa é umas das possíveis traduções e como outros textos da Bíblia, especialmente em Daniel e Apocalipse, corroboram para interpretar o evento de 1798 como a providência divina contra o poder religioso romano.

Referências

ANDERSON, R. A. **Revelações do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

AUNE, D. E. **Revelation 6–16**. Dallas, TX: Word, 1998.

BEALE, G. K. **The book of Revelation**: A commentary on the Greek Text. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

BELVEDERE, D. **Seminário As Revelações do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

CENTRO WHITE. **Os ensinamentos de Ellen G. White**. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-sobre-ellen-g-white/os-ensinos-de-ellen-g-white/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CSNTM. **Códice Alexandrino**. Disponível em: https://manuscripts.csntm.org/manuscript/Group/GA_02?OSIS=Rev.13.10. Acesso em: 24 nov. 2022a.

CSNTM. **Códice de Beza**. Disponível em: http://images.csntm.org/PublishedWorks/Bezae_NT_1588/Bezae_NT_1588_0529b.jpg. Acesso em: 18 jul. 2013.

CSNTM. **Códice Sinaítico**. Disponível em: https://manuscripts.csntm.org/manuscript/Group/GA_01?OSIS=Rev.13.10. Acesso em: 23 nov. 2022b.

DOUKHAN, J. B. **Secretos del Apocalipsis**: el Apocalipsis visto a través de ojos hebreos. Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 2011.

Estudos bíblicos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

FEYERABEND, H. **Apocalipse verso por verso**: como entender os segredos do último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

FOSTER, L. **Revelation**: unlocking the Scriptures for you. Cincinnati, OH: Standard, 1989. (Standard Bible Studies).

GEISLER, N. L.; NIX, W. E. **A general introduction to the Bible**. Chicago, IL: Moody, 1986.

GENERAL CONFERENCE. **The use of Spirit Profecy in our teaching of Bible and history**. 30 de julho de 1919. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Resources/1919BC/RBC19190730.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022.

HARRISON, R. K. **Jeremias e Lamentações**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HASKELL, S. N. **The story of the seer of Patmos**. Battle Creek, MI: Review and Herald, 1908.

JACKSON, J. G. (Org.). **New Testament use of the Old Testament**. Bellingham, WA: Faithlife, 2015.

KISTEMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento: Apocalipse**. SP: Cultura Cristã, 2004.

LA PAROLA. <https://www.laparola.net/greco/index.php>. Acesso em: 25 nov. 2022.

LARONDELLE, H. K. **Las Profecías del Fin**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.

LENSKI, R. C. H. **The interpretation of St. John's Revelation**. Columbus, OH: Lutheran Book Concern, 1935.

MAXWELL, C. M. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

METZGER, B. M. **A textual commentary on the Greek New Testament**. Stuttgart: United Bible Societies, 1994.

MOUNCE, R. H. **The book of Revelation**. Ed. rev. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997.

NICHOL, F. D. (Ed.). **The Seventh-day Adventist Bible commentary**. MD: Review and Herald, 1980.

NOVO TEMPO. **Bíblia Fácil Apocalipse**. Jacareí, SP: Rede Novo Tempo de Comunicação, s/d.

OMANSON, R. L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego". Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

- OSBORNE, G. R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- PAROSCHI, W. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- PARKER, D. New Testament manuscripts. In: BARRY, J. D.; WENTZ, L. (Eds.). **The Lexham Bible dictionary**. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2012.
- PAULIEN, J. **Seven keys**: Unlocking the secrets of Revelations. Nampa, ID: Pacific Press, 2009.
- PRIGENT, P. **O Apocalipse**. SP: Loyola, 1993.
- ROBERTSON, A.T. **Word pictures in the New Testament**. Nashville, TN: Broadman Press, 1933.
- SCHICK, E. **O Apocalipse**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- SHEA, W. H. Profecias de tempo em Daniel 12 e Apocalipse 12-13. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Estudos sobre Apocalipse: temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2021. (Série Santuário e Profecias Apocalípticas, v. 6).
- SMITH, U. **Daniel and Revelation**. Battle Creek, MI: Review and Herald, 1897.
- STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ**: commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009.
- SWETE, H. B. (Org.). **The Apocalypse of St. John**. Nova York: Macmillan, 1906. (Classic Commentaries on the Greek New Testament).
- VELOSO, M. **Apocalipsis y el fin del mundo**: fe para enfrentar la crisis final. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.
- WALLACE, D. B. Textual criticism of the New Testament. In: BARRY, J. D. et al. (Eds.). **The Lexham Bible dictionary**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.
- WEGNER, P. D. **A student's guide to textual criticism of the Bible**: its history, methods & results. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006.
- WHITE, A. L. **The E. G. White counsel on versions of the Bible**. Disponível em: https://www.adventistbiblicalresearch.org/wp-content/uploads/egw_382-11.pdf. Acessado em 27 de novembro de 2022.
- WHITE, E. G. **Early writings of Ellen G. White**. Battle Creek, MI: Review and Herald, 1882.

WHITE, E. G. **Great Controversy**. Oackland, CA: Pacific Press, 1888.

WHITE, E. G. **Mensagens Escolhidas**. V. 1. Santo André, SP: 1985.

WHITE, E. G. **Testemunhos Para a Igreja**. V. 5. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.